

## Dossiê

# UMA ANÁLISE SOBRE OS CULTOS RELIGIOSOS E A PROJEÇÃO DO PODER MARÍTIMO ATENIENSE ATRAVÉS DO PORTO DO PIREU NO SÉCULO V A.C.

Alair Figueiredo Duarte<sup>1</sup>

### RESUMO

Robert Garland na obra *The Piraeus*, 1987; destaca como a área portuária do Pireu localizada na polis dos atenienses, tratava-se de um lugar cosmopolita no V séc. a.C. Na região havia culto de divindades locais e estrangeiras, assim como circulação de navios e pessoas de diversas etnias mantendo interação sociocultural intensa, como destacada a documentação de Pseudo Xenofonte. Na presente comunicação pretendemos estabelecer uma análise sobre determinados cultos religiosos realizados na região portuária do Pireu na Atenas do século V a.C., e demonstrar como esses rituais religiosos permitiram a aproximação com o estrangeiro, transformando a região em uma zona de projeção de poder da Cidade-Estado ateniense.

### ABSTRACT

Robert Garland in The work *Piraeus*, 1987; stands out as the port area of Piraeus located in the Athenian polis, it was a cosmopolitan place in the V century BC. In the region was worship of deities local and foreign, as well as movement of ships and people of diverse ethnicities holding intense social and cultural interaction, as highlighted documentation Pseudo Xenofonte. In this communication we intend to establish an analysis of certain religious services held in the port area of Piraeus in Athens in the fifth century BC, and demonstrate how these religious rituals allowed to approach the stranger, turning the region into a zone of power projection Town-Athenian state.

---

<sup>1</sup> Alair Figueiredo Duarte é Mestre em História Comparada e Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ); Pesquisador do Núcleo de Estudos da Antiguidade da UERJ, instituição que atua como vice-coordenador geral. Transita sua pesquisa sobre sociedades Antigas (Grécia), na temática guerra com objetividade sobre os Soldados-Mercenários e Fronteiras no período Clássico e Helenístico helênico. Orientadora: Profa. Dra. Maria Regina Candido NEA/UERJ.

Na Antiguidade Clássica os helenos tinham uma postura etnocentrista, ou seja, considerar as normas e valores da própria sociedade ou cultura como critério de avaliação das demais (DUARTE, 2011: 36). Mapas do século V a. C. tanto quanto as descrições geográficas e culturais de Heródoto apontam para a representação fiel de um círculo, cujo no centro, encontra-se o ápice da Civilidade<sup>2</sup>. Tal peculiaridade, durante muito tempo, permitiu que os gregos, que estavam estabelecidos ao centro do território Ático e adjacências, se mantivessem imersos na sua Cultura e concepção de Civilidade. Porém as guerras contra os persas ao início do século V a.C., assim como o aumento das atividades marítimas com embarcações do tipo *trirremes*, tornaria o contato entre gregos e outras etnias mais intenso, transformando o que era considerado bárbaro menos exótico.

Os trirremes - *trieres* em grego - não somente revolucionaram as navegações e a guerra naval no Mundo Antigo, como também permitiram a intercessão de culturas através do comércio, ritos religiosos e negociação política. A propósito do estreitamento de relação entre a polis dos atenienses com o mar, ela se dará ao início do século V, enquanto que entre outra poleis helênicas, a registros da embarcação em lone, já no século VI a.C.; sendo Polícrates de Samos o primeiro a adotar os *trieres* ao início da sua tirania em 533 a.C. (TAILLARDART. In VERNANT, 1999: 241-242). Logo os atenienses dominaram a técnica de fabricação dos *trieres*. Em conformidade com Tucídides (VII, 12, 3), os atenienses do século V a.C., com a exploração de prata nas minas de Maronéia, descoberta em 482-483, construíram 200 *trieres* em um mês durante o ano de 480 a.C.

A relação ateniense com o mar e suas *trieres* foi um fenômeno que passou a povoar o *imaginário social*<sup>3</sup> do cidadão ateniense no período Clássico. Se dedicar a

---

<sup>2</sup> Termo que segundo as concepções de Marcel Detienne identifica-se como o inconsciente histórico que carrega tudo que as tradições representam. A *Civilidade* é capaz de dar forma às categorias coletivas manifestadas nas instituições sociais, tais como: o direito, a política e as relações sociais (DETIENNE, 2004:42-44).

<sup>3</sup> Em conformidade com Bronislaw Baczko, os *imaginários sociais* inserem perspectivas de formação do poder e sua circulação em uma sociedade, eles são diversos; mas podemos entender em linhas gerais

atividade marítima tratava-se de algo tão importante à vida política da polis, que levou o historiador Tucídides, proeminente cidadão da aristocracia ateniense, a construir uma arqueologia étnica e cultural dos helenos no primeiro livro da *História da Guerra do Peloponeso* nos apontando como os *trieres* se tornaram um símbolo de identidade dos cidadãos atenienses. O *estratego* aponta que todos os povos dedicados as atividades marítimas, adquiriam maior prosperidade, eis as afirmações de Tucídides: “Assim eram as frotas dos helenos, tanto as antigas quanto as recentes, e aqueles que se empenharam em constituí-las adquiriram um poder considerável, seja pelas rendas obtidas graças a elas, seja pelo domínio sobre outros povos”. (TUCÍDIDES: I, 15).

No século V os atenienses obtiveram através de seus *trieres*, projeção comercial e poder político, e tornaram-se um signo de excelência em combate no mar. Foram os *trieres* de Temístocles que em 480 a.C., no estreito de Salamina, comandaram a resistência helênica e derrotaram as forças militares persas e; foram os *trieres* de Péricles que patrulhando as rotas marítimas do Mar Egeu na segunda metade do século V a.C., comandaram a *Liga do Peloponeso* propiciando poder econômico à polis.

A relação dos atenienses com o mar torna-se um marco histórico pelo fato de seus *trieres* modificarem toda uma mentalidade, dando novos contornos ao *imaginário social* daquela polis. A batalha hoplítica não era mais uma exclusividade para guerrear e exercer influência um território. O modelo combate campal que havia emergido em meados do século VII realizando o choque entre as falanges na terra, foi até o final do século VI a.C. o único arquétipo eficaz para o ataque e defesa das comunidades políades helênicas (HANSON, 1993: *Passim*). Do território Peloponésio se estendendo a região Ática e arredores, a polis de Esparta figurou de maneira unânime, como modelo de excelência no combate campal (NAQUET, *In* VERNANT, 1999: 213-219) e, por tudo isso, sempre assumia a responsabilidade em comandar os helenos da região contra as forças externas concebidas como “*bárbaras*”.

---

como os dispositivos simbólicos nos quais os movimentos e grupos sociais procuram moldar sua própria identidade. (BACZKO. *A imaginação social*. *In*: ROMANO. *Antropoos*, 1985: 309- 307-309-313-).

Quando em 490 a.C. na planície de Maratona, atenienses comandados por Milcíades obtêm vitória em terra - sem o apoio espartano - sobre centenas de soldados persas que desembarcavam de suas naus, ocorria o primeiro passo para a emergência de uma nova potência militar no mesmo espaço geográfico em que Esparta exercia seu raio de influência. Na polis dos atenienses tinha início o *imaginário social* de liderança política. Atrelado a esses fatores, a intensidade comercial exigia mudanças e inovações. Devido a escassez de grãos em seu território, Atenas intentava adentrar o novo circuito comercial competindo com outras polis rivais, como Corinto e Tebas (L. A. MOLINA, *Apud*: CANDIDO, 2012: 29). A disputa comercial ao início do século V a.C. gerou um conflito contra Égina, ilha situada no Golfo Sarcônico região compreendida entre Atenas e o Peloponeso. Este conflito despertou para a necessidade de investimento em uma esquadra; tanto para atender a guerra, quanto a atividade mercantil. Porém, faltavam-lhes os recursos financeiros, que somente chegariam mais tarde com a descoberta e exploração dos veios de prata nas minas de Laurion, localizadas ao sul do território Ático, em 483 a.C. Os *Trirremes* utilizados contra os éginetas foram os mesmos utilizados durante as *Guerras Greco-Pérsicas* (CARTAULT, 2001: 73).

Em 478 a.C. é criada a *Liga Délio Ática*<sup>4</sup> e Atenas é eleita entre seus aliados a grande líder e defensora dos interesses helênicos na área em que gravitasse a zona de influência e poder da liga. Muito se questiona a propósito da postura ateniense junto a suas aliadas na *Liga de Delos*, a qual em dado momento, toma uma postura política agressiva e de domínio junta a política interna de seus aliados<sup>5</sup>. No entanto, é preciso

---

<sup>4</sup> Aliança defensiva que reuniam sob o comando de Atenas várias polis do Mar Egeu, seu centro era o santuário jônico na ilha de Délos. As polis de Quios, Lesbos e Samos, inicialmente conservaram sua própria frota e forneciam contingente para assegurar a defesa comum contra as investidas bárbaras; os outros aliados contentavam-se em pagar um tributo destinado a cobrir os custos de equipagem da frota. (Cf. MOSSÉ, 2004: 82).

<sup>5</sup> Em 454 o tesouro da liga é transferido de Délos para Atenas; através do *decreto de cunhagem* - do qual encontrou-se apenas fragmentos - a partir de 450-446 a.C.. Atenas impõe o lastro de moeda ateniense nas suas zonas de influência. Atenas também determina que os aliados acusados em qualquer processo, deveriam ir até Atenas para responder pela acusação e aumenta as contribuições dos integrantes da liga, segundo seus interesses (Cf. Os. Xen. 1-17).

compreender que segundo o *imaginário social* ateniense do período, a polis teria sido eleita líder de maneira democrática por seus aliados da liga, portanto, teria legitimidade nas suas ações de liderança. Por isso, nos utilizaremos do termo: *arché ateniense*, para nos referirmos a sua atuação junto aos seus aliados na *Liga de Delos*. Visto que *arché* remete ao termo *archonte*, designando uma magistratura ateniense na qual um cidadão eleito por voto deve liderar a política da polis pelo prazo de um ano, até que sua magistratura seja renovada ou destituída. Os *trieres* atenienses tiveram uma importância singular para ascensão da economia e da liderança política externa dos atenienses no Mar Egeu. Através dessas embarcações, grupos menos providos de recursos da sociedade ateniense, como os *thetes*, obtiveram participação política cidadã. A partir desse momento, as lideranças políticas da polis dos atenienses devido a necessidade de terem suas magistraturas renovadas, tornavam-se sensíveis a mobilização e exercício de cidadania desse segmento censitário que passaram a creditar nos *trieres* um signo de liberdade e igualdade, pois também participavam ativamente no processo de liderança política da polis e contribuía efetivamente para sua defesa (RAFLAUB, 1996:139-146).

Plutarco (*Vida de Péricles*, 11) destaca que a polis dos Atenienses, era capaz de enviar todo ano ao exterior, sessenta *trieres* tripulada por grande número de cidadãos, percorrendo os mares por oito meses. Segundo nossos cálculos, isso equivaleria a aproximadamente 12.000 cidadãos em uma totalidade de 50.000 cidadãos ativos ao início da *Guerra do Peloponeso* (DUARTE, 2011: 126). Em conformidade com J. Tailladart (1999: 245-246), os atenienses eram capazes de produzir até 200 *trieres* em um mês, nos permitindo apreender que além dos cidadãos *thetes* que se encontravam atuando diretamente como remadores nas embarcações, havia um número considerável de cidadãos do mesmo segmento social, atuando de maneira relacionada a prática marítima como artesãos, carpinteiros, produtores de velas, produtores de cordas e de outros recursos necessários à navegação. Tais elementos nos permitem refletir à dependência da política de Estado ateniense junto aos segmentos menos

providos de recursos. A liberdade da polis deixava de repousar sob a lança e escudo dos *zeugitas*, para se estabelecer no banco e no remo dos *thetes*.

Segundo Victor Davis Hanson (1996: *passim*), os ideais de liberdade eram os princípios que motivariam os segmentos aristocráticos da sociedade ateniense na qual estariam incluídos os remediados *zeugitas*. Esse segmento censitário coadunava dos mesmos ritos de passagem da aristocracia para ratificar sua condição de cidadão em Atenas. Enfim, aprender a manusear o escudo e a lança, assim como o arco, percorrer as fronteiras terrestres da polis estacionando e montando guarda em seus fortes e, ao final de dois anos, participar da procissão das Panatenéias, na qual após demonstrarem as habilidades e valores guerreiros que haviam aprendido; faziam juramento de defender a terra dos ancestrais e não abandonar os companheiros de armas. Depois de cumprirem esses ritos, eram então considerados hoplitas e cidadãos da polis (VERNANT: 1993: 93). Como os remadores *thetes* estavam excluídos do *lexiarchicon grammateion*, ou seja, o registro dos hoplitas (NAQUET, Pierre Vidal: 219); esses cidadãos não se viam representados segundo as mesmas atividades guerreiras. Somado a isso, também não possuíam representações suas como remadores em monumentos públicos, como os frisos do Partenon e economicamente, estavam impedidos de participar dos mesmos ritos de passagem que os segmentos aristocráticos da sociedade ateniense; portanto, seu ritual de formação e legitimação como cidadão se dava na prática das atividades marítimas e de preparação no porto. Portanto, a polis, como nos afirma Barry Strauss (1986: *Passim*), necessitava se reeducar a nova ordem social. Permitir o estabelecimento de um novo *imaginário social* que tem início século no V a.C., e que se materializa a partir da mudança de acesso à cidade da antiga Baía de Falerion para a região do Pireu através de embates, recuos e negociações políticas.

O porto do Pireu diferente de Falérion era um local distante dos centros urbanos da polis dos atenienses, na qual havia circulação de *metécos*, comerciantes e estrangeiros que se encontravam de passagem pelas instalações do porto, tanto quanto aos aliados que estavam em Atenas para responder a algum tipo de processo.

Em fim, o *Porto do Pireu* tratava-se de um local próprio para a circulação de comerciantes locais e estrangeiros, assim como artesãos, carpinteiros e oleiros que se permitiam e praticavam intercessões nos rituais e nos cultos religiosos. Muitas das práticas e contatos culturais existentes na região do *Porto do Pireu*, não seriam bem vistas pelos ideais aristocráticos da sociedade ateniense e somente seriam admitidas ao se estabelecerem na polis dos atenienses, devido a ascensão política do *demos* (a massa popular) através de embate, recuo e negociação políticas, estabelecendo com isso fronteiras sociais. Portanto, *Falerion* se estabeleceria como terra dos ancestrais, lugar sagrado e zona de influência política da aristocracia; já o *Pireu*, lugar de troca e comércio, na qual a oligarquia exerceria suas atividades e atuaria junto ao *demos*, o qual se permitia trocas de culturais e intercessões de cultos religiosos.

Pseudo Xenofonte ao escrever *A Constituição dos Atenienses*, nos documenta que o porto estabelecido na região do Pireu, era um local destinado à labuta e o comércio. Local de passagem, no qual circulava diversas etnias e culturas que viviam em constante estado de interseção nos seus hábitos e costumes (P. XENOFONTE: 1:10). No epicentro dos hábitos e práticas culturais encontravam-se os ritos religiosos. A intercessão dos cultos religiosos que se davam em Atenas, mas especificamente no *Porto do Pireu*, eram bastante comuns. Tais evidências se ressaltam quando Platão (*A República*: 327-328a), descreve Sócrates descendo a região para assistir o culto de Bendis, uma deusa Trácia com atributos semelhantes a helênica Ártemis - trata-se do festival das *Bendideias*.

O festival inclui duas procissões uma de cidadãos atenienses e outra de trácios. Tal como Artemis - a divindade helênica dos sacrifícios cruéis e sangrentos (BURKET, 1993: 300) - nos ritos dedicados a Bendis os sacrifícios também estão presentes e em larga escala. Por ocasião das *Bendideias*, após os sacrifícios de costumes, acontecia uma corrida a cavalo comandada pelo *archonte*, na qual os competidores passavam uma tocha entre os competidores enquanto cavalgavam a noite. A prática desse rito não era prioridade dos cidadãos atenienses, desse festival participavam também outros grupos étnicos que estavam aportadas e de passagem pelo *Pireu*. É interessante

destacar que os estrangeiros participantes da *Bendideia* não perdiam sua identidade pátria, diferentemente do que ocorria nas *Dionisiacas* e as *Panatenéias*, que somente cidadãos atenienses e *metécos* residentes em Atenas podiam participar. Nesta especificidade os estrangeiros, tomavam uma assembleia amórfica, se investindo dos valores da cidade (GARLAND, 1987: 120).

Como nos afirma Robert Garland (*Ibidem*: 110), a vitalidade religiosa no Porto do Pireu no século V a.C. foi tão intensa que se transformou em símbolo de trocas culturais, não reduzindo em nada essa prática mesmo diante do seu declínio econômico no século III e II a.C. Havia cultos públicos e privados de vários deuses, dentre as divindades estrangeiras e helênicas cultuadas na região, podemos citar: Agathe Tyche, Afrodite, Artemis, Baal (ou Bel), Men, Nergal Serapis e Zeus (*Ibidem*). Vemos que essa intensidade foi em dada medida, proporcionada a partir das trocas culturais e atividades marítimas do século V a.C.

Dados estatísticos sobre as batalhas ocorridas durante a *Guerra do Peloponeso*, na segunda metade do século V a.C. (BRULÉ, 1999:61), nos mostra que o número de baixas (mortes) em combate e o aumento acelerado das campanhas militares, impediam os cidadãos atenienses de estarem presentes nas assembleias da polis para o exercício político de sua cidadania. Sendo assim, ao final do século V era crescente a contratação de soldados-mercenários para complementar o exército da polis - no qual, um dos fatores de integração seria o culto religioso (DUARTE, 2011: *Passim*) - tal medida, somada as atividades de comércio no ambiente do porto contribuíram para a chegada de cultos a divindades estrangeiras na região. E esses cultos acabavam por interagir junto a ritos de divindades locais, daí podermos apontar que o *Porto do Pireu* tratava-se de um local que fomentava o ecletismo cultural e religioso.

Culto e ritos de divindades como Artemis e Bendis eram assistidos por: cidadãos, *metécos*, escravos e tripulações que estavam aportadas por um longo período ou apenas de passagem. Evidências epigraficas nos apontam que o culto da deusa trácia Bendis no Pireu, era o que possuía maior participação de estrangeiros (GARLAND, 1987: 118). Imagens do culto, esculpidos em uma placa de pedra datada

entre 400 e 350 a.C., mostram uma jovem com vestimentas trácias, próprias para a caça, acompanhada de um cão e segurando uma lança (Ibidem). Não podemos esquecer nessa comparação e análise de intercessão religiosa, que Artemis é uma divindade com regência sobre a caça e fronteiras, no qual o poder abarca os confins e lugares selvagens, por isso Bendis teria uma receptividade tão acentuada entre os helenos (GRIMAL, 200: 47-48). O Pireu era um porto afastado do centro urbano da polis - entre 7 a 8 km - portanto, no *imaginário social* dos atenienses do século V a.C. poderia ser considerado o ponto extremo, no qual seria permitido se relacionar com outras da *civilidade*.

O termo Pireu tem equivalência a *horós* e significa extremidade, limite; estendendo sua noção e entendimento a espaço e tempo (GRAMMATICO, G. 2003: 182). Significando respectivamente: *orla, fim, além de, para lá, na frente, do outro lado*; demonstrando que a região não só era um lugar distante dos centros urbanos, mas também um delimitador de fronteira, na qual se encontraria o “*bárbaro*”, os deuses estrangeiros afastados da *civilidade*. Contudo, para sobreviverem os atenienses necessitavam do mar, pois não possuíam solo fértil, propício à agricultura e criação de gado. Dos 2600 Km<sup>2</sup> do seu território, aproximadamente 1000 Km<sup>2</sup> eram cobertos por montanhas (CHEVITARESE. 2001: 47-48). Atenas necessitava de importar grãos, uma vez que a dieta base de seus cidadãos era o pão e o mingau, alimentação que se baseava na matéria prima do trigo. Caso o fornecimento não fosse regular, a população passaria por dificuldades (CASSON, 1991: 101). O azeite oriundo das oliveiras que simbolizavam a cidade era uma das bases econômicas da polis dos atenienses. O mito do Eriptólemo, no qual Atená disputa com Poseidom qual seria a divindade protetora da cidade, pode ser interpretado como embates políticos entre tradicionais famílias aristocráticas, ligadas a propriedade agrária junto aos ricos comerciantes e aristocracias marítimas buscando obter a direção política ateniense. A ascensão do *Porto do Pireu* representaria a mudança nas lideranças políades e a nova política de Estado. Os navios atenienses não se tornaram importantes apenas por questões militares e, não foi mero acaso o *Porto do Pireu*, com toda a diversidade de

culturas que circulavam pelo local, estar no centro das questões políticas e sociais da polis. Tornaram-se um elemento importante das relações políticas atenienses. A esse propósito, Yvon Garlan (1991: 09-15) destaca que os helenos na Antiguidade eram agonísticos e viam a guerra como um fenômeno natural, no qual, o homem deveria aceitá-la tanto quanto o mau tempo, destacando que de cada três anos, o grego guerrearía ao menos dois (*Ibidem*: 12).

Contudo não podemos afirmar que as relações entre os Estados políades helênicos se davam exclusivamente de maneira belicosa e com exercício do poder verticalizado. Não são poucas as vezes em que Estados políades abdicaram de suas diferenças, em prol de um bem maior. Em 776 surge os *Jogos Olímpicos*; 477- 478 temos a criação da *Liga de Délos*; 449-448 tratado de paz entre atenienses e persas (*Paz de Cálias*), 421 tratado de paz entre atenienses e espartanos (*Paz de Nícias*). Tais fatores mostram-se interessantes se o cotejarmos as afirmações de Polly Low (2007:18), quando a pesquisadora destaca que as relações entre Cidades-Estados helênicas, tanto quanto as Relações Internacionais na atualidade, não se realizam exclusivamente através da força verticalizada. Muitas vezes, há necessidade de cooperação, a qual se mostra mais eficaz na manutenção de uma paz duradoura.

Segundo P. Low (*Ibidem*), a cooperação tem por finalidade a durabilidade do estado pacífico entre as potências na maior temporalidade possível. E isto se deve ao fato de que desde a Antiguidade até a atualidade, as tentativas de se banir a guerra das relações entre Estados ter se mostrado um plano ineficaz. Diante da teoria apresentada pela pesquisadora, analisamos que foi a busca por um estado de paz que levou as polis helênicas a manterem uma coalizão visando evitar as investidas dos estrangeiros persas sobre o território helênico. A criação da *Liga Délio Ática* em 478-477 e a escolha de Atenas como líder; não se tratou apenas de um acordo entre as poleis, mas sim de uma tentativa de durabilidade do estado de paz e de cooperação entre as Cidades-Estados helênicas.

O reconhecimento da *Liga de Délos* por parte dos persas em 449 a.C. trata-se de uma demonstração de eficácia do sistema de cooperação. Portanto, se Atenas pode

liderar seus aliados de maneira hegemônica por quase um século, o fez através de embates recuos e negociações políticas, tal qual sua experiência de política interna. O novo *imaginário social* ateniense que emergiu ao início do século V a.C. e que não se apoiava exclusivamente sobre os pilares das instituições políticas, mas sim da negociação; trazia uma nova maneira de relações na política externa. O *Porto do Pireu*, localizado ao sul da polis dos atenienses era uma representação dessa nova ordem política, na qual havia interseções culturais entre diversos grupos étnicos e cultos religiosos.

Por sua característica de integração, os cultos religiosos e a concepção universal do sagrado permitiram uma oportunidade para refletir as diferenças, ou seja, se aproximar através das semelhanças e desenvolver a tolerância entre as culturas. Portanto, vemos que cultos religiosos eram também um dos elementos de se praticar a política externa. A própria Atenas incentivaria a participação de estrangeiros em seus cultos religiosos, inclusive àqueles que eram reservados aos seus cidadãos e residentes com permanência na polis, como a procissão das Panatenéias (LOW, 2007, 142-151). Como nesse culto, cidadãos e estrangeiros se investiam dos valores da polis, Atenas tinha através dessa procissão a sua legitimação como líder regional e também na *Liga de Delos*.

A emergência do *demos* através dos *trieres* e sua atuação no porto, tratava-se de elemento fundamental nessa nova estrutura, na qual havia participação política de todo o corpo social, inclusive as massas. A inserção do *Porto do Pireu* com sua intensa atividade, como principal porta de acesso à polis de Atenas, veio a demarcar o início de uma nova era para os cidadãos atenienses e para a política exterior entre a polis no Mar Egeu pelo fato de representar embates, recuos e negociações políticas, nas quais os cultos e ritos religiosos eram um elemento importante.

## BIBLIOGRAFIA E DOCUMENTAÇÃO

### DOCUMENTAÇÃO

PLATÃO. *A República*. Tradução: Tradução introdução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Editora, Fundação Calouste Gulbkien, 1980.

PLUTARCO. *Vidas Paralelas*. Tradução: Gilson César Cardoso, SP: Paumapé, 1991.

PSEUDO XENOFONTE. *A Constituição dos Atenienses*. Tradução do grego, introdução, notas e índices de Pedro Ribeiro Martins. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos, 2011

TUCÍDIDES. *A História da Guerra do Peloponeso*. Tradução do Grego Mario da Gama Kury. Brasília: Editora UNB, 1986.

## BIBLIOGRAFIA

BACZKO, Bronislaw. *A imaginação social*, In: Leach, Edmund et Alii. *Anthropos- Homem*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1985.

BRUN, Patrice. *Questions D'Histoire: Guerres et Sociétés dans les Mondes Grecs 490-322*. Paris: 1999.

BRULÉ, Pierre. In: BRUN. Patrice. *La mortalité de guerre em Grèce Classique: l'exemple d'Athenes de 490 à 322*. In: BRUN, Patrice. *Questions D'Histoire: Guerres et Sociétés dans les Mondes Grecs 490-322*. Paris: 1999.

BURKET, Walter. *Religião Grega na época Clássica e Arcaica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1983.

CAMBIANO, GIUSEPPE. *Tornar-se Homem*. In: VERNANT, Jean Pierre. *O Homem Grego*. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo, Lisboa: Editorial Presença, 1993.

CANDIDO, Maria Regina. *Relatório de Pesquisa à FAPERJ*. RJ: 2012. (Circulação Restrita).

CARTAULT, Augustine. *La trière Athénienne: étude d'archéologie navale*. Paris: Introuvables, 2001.

CASSON, Lionel. *The Ancient Mariners: seafarers and sea fighters of the Mediterranean in Ancient times*. New Jersey: Princeton University, 1991.

CHEVITARESE, André. L. *O espaço rural da polis grega: o caso ateniense no período Clássico*. RJ: Fábrica de Livros SENAI-RJ, Xerox Funguten, 2001.

DUARTE, Alair Figueiredo. *A análise comparativa do poder e das armas de Soldados-Cidadãos e Soldados-Mercenários na Atenas dos séculos V e IV a.C.* Dissertação de Mestrado defendida no PPGHC/UFRJ, 20011 (Circulação restrita).

GARLAN, Yvon. *Guerra e Economia na Grécia Antiga.* Campinas: Papyrus, 1991.

GARLAND, ROBERT. *The Piraeus: from the fifth to the first century B.C.* London: Duckworth, 1987.

GRAMMÁTICO, Giuseppina. *La noción de frontera en la Antigua Hélade: análisis de algunos fragmentos heraclíteos.* NOBRE, C. K.; VERGARA, F.; POZZER, Katia M. P. *Fronteiras e Etnicidade no Mundo Antigo.* Pelotas: UFPEL, 2003.

HANSON, Victor Davis. *Hoplites: The Classical Greek Battle Experience.* Routledge. London and New York, 1993.

\_\_\_\_\_ *Hoplites into democrats: the changing ideology of Athenian infantry.* In: JOSIAH, Ober and HANDRICK, Charles. *Demokratia: a conversation on democracies, Ancient and Modern.* Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1996.

MORRIS, Ian. *The strong principle of equality and the Archaic origins of Greek Democracy.* In: JOSIAH, Ober and HANDRICK, Charles. *Demokratia: a conversation on democracies, Ancient and Modern.* Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1996.

JOSIAH, Ober and HANDRICK, Charles. *Demokratia: a conversation on democracies, Ancient and Modern.* Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1996.

LOW, Polly. *Interstate Relations in Classical Greece: Morality and Power.* Cambridge. New York: Universidade Press, 2007.

NAQUET, Pierre Vidal. *La tradition de l'hoplite athénien.* In: VERNANT, Jean Pierre. *Problèmes de La Guerre em Grèce ancienne.* Paris: Ed. École des Hautes Études em Sciences Sociales, 1999.

NOBRE, C. K.; VERGARA, F.; POZZER, Katia M. P. *Fronteiras e Etnicidade no Mundo Antigo.* Pelotas: UFPEL, 2003.

RAAFALUB, Kurt A. *Equalites and inequalities in Athenian Democracy.* In: OBER, Josiah and HANDRICK, Charles. *Demokratia: a conversation on democracies, Ancient and Modern.* Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1996.

SATRAUSS, S Barry. *The athenian trireme, school of democracy*. In: OBER, Josiah and HANDRICK, Charles. *Demokratia: a conversation on democracies, Ancient and Modern*. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1996.

TAILLARDAT, J. *La trière athenienne et la guerre sur mer aux V<sup>e</sup> et IV<sup>e</sup> siècles*. In: VERNANT, Jean Pierre. *Problèmes de La Guerre en Grèce ancienne*. Paris: Ed. École des Hautes Études em Sciences Sociales, 1999.

VERNANT, Jean Pierre. *Problèmes de La Guerre en Grèce ancienne*. Paris: Ed. École des Hautes Études em Sciences Sociales, 1999.

\_\_\_\_\_ *O Homem Grego*. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo, Lisboa: Editorial Presença, 1993.

#### **DICIONÁRIOS**

MOSSÉ, Claude. *Dicionário da Civilização Grega*. Tradução de Carlos Ramalhete, com a colaboração de André Telles. RJ: Jorge Zahar Editor, 2004.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. Trad. De Vitor Jabouille, RJ: Bertrand Brasil, 2000.